
Os usos da teoria na sala de aula: uma exploração bibliográfica (1967-2021) ¹

Pedro Mel BARDINI²
Luís Mauro Sá MARTINO³

RESUMO

Este artigo delinea aspectos da literatura sobre o ensino de Teoria da Comunicação em cursos universitários publicada entre 1967 e 2018, destacando a presença de questões relacionadas a fundamentação epistemológica da Área, aspectos institucionais e pedagógicos. O objetivo é compreender as transformações desse discurso ao longo do tempo, destacando as problemáticas epistemológicas existentes em sua fundamentação. A partir de pesquisa bibliográfica, foi possível notar três aspectos iniciais: (1) a dimensão esparsa dessa discussão ao longo do tempo; (2) o predomínio das questões curriculares e (3) os tensionamentos com a prática profissional e de pesquisa. Esses aspectos são discutidos a partir de estudos sobre a formação do campo acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE

Teoria da Comunicação; Ensino; Epistemologia; Política

Introdução

Ao longo das últimas décadas, os estudos sobre Teoria da Comunicação parecem se debruçar, majoritariamente, sobre duas grandes vertentes. Em seu conjunto, permitem vislumbrar alguns dos problemas epistemológicos referentes à constituição, classificação e pertinência dos saberes referentes a esse tópico.

De um lado, destacam-se as compilações voltadas para a apresentação didática das teorias, destinadas às salas de aula dos cursos universitários. Trata-se, como denomina L. C. Martino (2007), de livros “teorográficos”, interessados em trabalhar os aspectos principais de cada teoria, às vezes pontuados por exemplos direcionados para o uso

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 3o. ano do Curso de Jornalismo da Faculdade Cáspier Líbero. Bolsista de Iniciação Científica na mesma instituição, email: 22000283@al.casperlibero.edu.br

³ Professor da Faculdade Cáspier Líbero, email: imsamartino@gmail.com

pedagógico. Em termos numéricos, essa vertente parece ser preponderante, com um total de 32 títulos publicados entre 1967 e 2018.

Por outro lado, em menor proporção, há uma vertente que poderia ser denominada como “meta-teórica” ou, talvez de modo mais pertinente, “epistemológica”, voltada para a discussão dos fundamentos, problemáticas e articulações das correntes teóricas, às vezes vinculadas a discussões mais amplas sobre a própria constituição da Área de Comunicação, da qual as teorias formariam uma espécie de base. A literatura desta segunda vertente não apenas é menor como também parece ser mais esparsa: enquanto na primeira há um predomínio dos livros, neste caso observa-se uma produção sobretudo de artigos apresentados em eventos acadêmicos e publicados em revistas científicas.

De certo ponto de vista, e sem deixar de lado o trânsito entre essas duas vertentes, é possível notar uma certa distância entre as discussões epistemológicas sobre o fundamento das teorias da comunicação e sua objetivação nas compilações voltadas para aplicação pedagógica. É possível, endereçar alguns questionamentos a esse cenário.

Uma primeira pergunta pode se referir à existência de um número elevado – mais de trinta – de livros voltados para compilar as teorias da comunicação. Vale também pensar o que as escolhas de “teoria” de cada um dizem sobre os critérios da Área de Comunicação para reconhecer de uma proposição como “teoria da comunicação”.

Há, no entanto, um terceiro tópico que, embora possa ser entendido como decorrente dos anteriores, parece não receber a mesma atenção sistemática do primeiro nem a profundidade de discussão do segundo: o ensino de Teorias da Comunicação. Se as apresentações didáticas e as discussões epistemológicas parecem já ter seu lugar assinalado nas pesquisas sobre o assunto, os problemas ligados à prática cotidiana do ensino universitário de Teorias da Comunicação parecem ocupar um lugar ainda tímido nas considerações sobre o assunto.

Seria possível argumentar que se trata de um problema didático e/ou pedagógico, sendo voltado, talvez, mais para estudos de Educação do que propriamente de Comunicação. De fato, esse tipo de contribuição interdisciplinar é bem-vindo. No entanto, vale notar que a sala de aula é um espaço no qual se objetivam os problemas epistemológicos de uma área – o aspecto disciplinar, jogando com o duplo sentido da palavra enquanto parte das matrizes acadêmicas, mas também como forma de controle e regulação dos saberes, abre possibilidades de verificar não apenas a alocação dos conhecimentos apresentados como “teoria da comunicação”, mas também suas problematizações ao longo do tempo.

O que se tem escrito sobre o ensino de Teoria da Comunicação? Quais são as problemáticas levantadas para se pensar o ensino, não em sua vertente estritamente didática ou pedagógica, mas compreendido em uma dimensão epistemológica e institucional? Este artigo delinea algumas vertentes da literatura sobre o ensino de Teoria da Comunicação em cursos universitários, destacando a presença de questões relacionadas à fundamentação epistemológica da Área, em primeiro lugar, e sobre aspectos institucionais e pedagógicos, em segundo. O objetivo é compreender as transformações desse discurso ao longo do tempo, destacando as problemáticas epistemológicas existentes em sua fundamentação.

Metodologia

Um problema metodológico inicial que se coloca nesse tipo de pesquisa diz respeito às formas de compilação do objeto empírico. Se, como indicado, há um número expressivo de títulos sobre Teoria da Comunicação voltado para a apresentação das teorias ou para discussões epistemológicas, não foi localizado, de saída, um livro, autoral ou compilação, dirigido ao ensino, permitindo aventar a hipótese de que se trata, sobretudo, de uma produção espalhada em artigos e capítulos isolados.

A partir disso, efetuou-se uma busca em ferramentas digitais com as palavras-chave “ensino”, “didática”, “aula”, alternadamente, e “teoria da comunicação”. Em um segundo momento, acrescentou-se a palavra “intercom”, como forma de refinar a busca e contemplar, igualmente, um dos principais espaços nos quais essa discussão ocorre. Isso permitiu encontrar uma quantidade maior de material na forma de artigos apresentados em eventos e publicados em revistas.

A compilação do material publicado em capítulos de livros demandou outra estratégia na medida em que não se trata, em sua maioria, de textos disponíveis em formato digital. Buscou-se, inicialmente, nos livros de divulgação e epistemologia capítulos ou indicações ligadas ao ensino – sua ausência é sintomática para o delineamento desta questão. Um segundo passo abordou os livros ligados ao ensino de Comunicação, em uma linha genealógica que parece começar com Pignatari (1971), passando por Lins da Silva (1978) até compilações mais recentes, como Sodré (2006).

Obteve-se, a partir daí, um conjunto heterogêneo, mas significativo, de textos referentes ao ensino de Teoria da Comunicação, formando assim o *corpus* deste trabalho.

Fundamentação teórica

Os estudos relacionados à teoria da comunicação, como indicado na introdução, parecem se concentrar sobretudo em termos de compilações voltadas para finalidades didáticas e discussões epistemológicas sobre problemas e características das teorias da comunicação. Esse referencial dialoga diretamente com os problemas de ensino abordados neste texto, sobretudo por transitarem dentro da mesma esfera discursiva. Pensar a Teoria da Comunicação significa, de certa maneira, observar sua pluralidade de dimensões, desde o rigor das discussões epistemológicas sobre suas características e fundamentos até o aspecto mais cotidiano das práticas de ensino em sala de aula, passando por sua dimensão disciplinar em diálogo mais amplo com a Área. Para tanto, parece importante pensar o próprio significado da ideia de “teoria” em uma área do conhecimento, não apenas como construção epistemológica, mas também em seu aspecto fundacional e legitimador de sua existência. Essa dimensão pode ser pensada, dentre outras autoras e autores, a partir das contribuições de Bachelard (2006) e de modo mais próximo, em diálogo com Bourdieu (2021) e hooks (2018).

É possível tomar como ponto de partida o entendimento de que as dimensões teóricas de uma área do saber se constituem como um de seus fundamentos enquanto conjunto de proposições que, mesmo em disputa, respeitam uma base comum referente ao entendimento de seus limites. Como recorda Braga (2021), teorias “fazem” aquilo que se propõe que elas “façam” em termos da compreensão de um objeto. Enquanto discurso, estão em pleno diálogo com um real sobre o qual reincidem sistematicamente, não apenas em termos de definição, mas também de revisão e auto-correção.

A epistemologia de uma área se objetiva, dentre outros fatores, na discussão entre suas linhas teóricas fundantes; no entanto, vale observar, com Bourdieu (2021), que esse desacordo se firma, estrategicamente, sobre uma premissa de entendimento a respeito do que se pode discordar dentro de uma fronteira constituinte da própria dinâmica que define um espaço como parte de um campo intelectual.

Assim, o desacordo entre linhas teóricas de uma Área pressupõe algum consenso a respeito do que se pode colocar em disputa dentro de um determinado espaço sem descaracterizá-lo completamente.

A definição epistemológica de um “dentro” e um “fora” detém um grau de elasticidade suficiente para não engessar as discussões, garantindo, assim, a vitalidade da área; ao mesmo tempo, contempla certa rigidez na medida em que a ausência total de fronteiras epistemológicas colocaria em xeque sua existência institucional. O desacordo fundador se pauta no movimento constante entre rigidez e flexibilidade ou, dito de outra maneira, entre o acordo tácito sobre o que se pode discutir e a objetivação de discussões.

Dessa maneira, o que chega aos livros de divulgação e, mais importante para este texto, à sala de aula, é o fruto de disputas, desacordos, movimentos e posicionamentos em curso a respeito de concepções do que é “teoria” e, mais ainda, de “teoria da comunicação”. A análise dos trabalhos sobre o ensino de Teoria da Comunicação se pauta, neste texto, a partir dessa concepção política da teoria como prática de compreensão do mundo, de um lado, mas também como objeto de disputas, de outro.

Resultados parciais

O desenvolvimento da pesquisa permite delinear alguns aspectos iniciais referentes à bibliografia sobre o ensino de Teoria da Comunicação. Seu primeiro aspecto, talvez, seja o número reduzido de textos voltados para essa discussão. A observação, ainda inicial, permite questionar as razões desse interesse reduzido sobre o assunto, limitado, ao que tudo indica, a questionamentos marginais às discussões epistemológicas.

Parece existir um predomínio da discussão específica sobre teorias, seus critérios de pertinência à comunicação ou, de outro lado, perguntas a respeito do que efetivamente se constitui como “teoria da comunicação”.

Mais raros, os estudos questionando a pertinência de uma ou outra teoria ao “cânone” parecem se pautar em termos da demonstração dessa proximidade; finalmente, foi possível encontrar textos problematizando as questões do ensino, mas, ao que parece, de maneira esparsa no tempo. Trata-se de manifestações pontuais voltadas para a discussão de currículos, como em Lins da Silva (1979), das dicotomias e tensões com a prática, em Lima (1983) e Ferrara (2000), ou em sua dimensão epistemológica, como em Braga (2021) ou L. M. Martino (2013; 2018). O cotidiano da objetivação do discurso teórico como prática de sala de aula, no entanto, parece ser contemplado em uma escala ainda incipiente. Trata-se de uma análise em progresso, sendo estas observações, portanto, provisórias. No entanto, é preciso notar igualmente que se trata de uma questão

sintomática em relação às possibilidades de contribuir para que a teoria da comunicação, enquanto uma das disciplinas centrais da Área, se apresente como um espaço de produção de sentido para pesquisadoras, pesquisadores e estudantes na sala de aula – esse, talvez, sendo um dos aspectos políticos da teoria.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **O racionalismo aplicado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

BOURDIEU, Pierre. **Por uma sociologia da ciência**. Lisboa: Ed. 70, 2021.

BRAGA, José L. A prática da teoria na pesquisa em Comunicação. **Galáxia**, Vol. 41, no. 1, maio-ago. 2019, pp. 48-61.

FERRARA, Lucrécia D’A. Sala de aula: espaço de uma experiência. **Margens**, Vol. 1, no. 1, Jan-Jun. 2000, pp. 14-20.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

LIMA, Venício A. Repensando as Teorias da Comunicação. In: MELO, J. M. (org.) **Teoria e Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, Intercom/Cortez, 1983.

LINS DA SILVA, Carlos E. Teoria da Comunicação. In: _____ e FADUL, Annamaria. **Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação**. São Paulo: Cortez/Intercom, 1978.

MARTINO, Luis M. S. Esboço de um panorama das Teorias da Comunicação. **Líbero**, v. 21, no. 2, 2018, pp. 4-17.

MARTINO, Luis M. S. A disciplinarização da epistemologia no ensino de comunicação. **InTexto**, Vol. 29, no. 1, dez. 2013, pp. 1-17.

MARTINO, Luiz C. (Org.) **Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?** Cotia: Ateliê, 2007.

PIGNATARI, Décio. **Contracomunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

SODRÉ, Muniz. “Desafios da pesquisa”. In: MOREIRA, S. V.; VIEIRA, J. P. **Comunicação: ensino e pesquisa**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005.